

EDUCAÇÃO POPULAR, CURRÍCULO E CULTURAS: UMA PROPOSTA DE PESQUISA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL BARRO BRANCO EM DUQUE DE CAXIAS – RJ

ALMEIDA, Maria Cândida da Silva* – Prefeitura Municipal de Duque de Caxias

SANTOS, Caroline Delfino dos – UERJ- Caxias

GT-06: Educação Popular

Agência Financiadora: FAPERJ

Este trabalho é parte de uma pesquisa de professores de uma escola fundamental que se realiza em parceria com uma universidade Pública do Grande Rio. Encontra-se em desenvolvimento e é fruto de múltiplos olhares que vêm acompanhando a trajetória da construção da proposta político-pedagógica de uma escola da rede pública municipal de Duque de Caxias.

O projeto inicialmente nasce a partir das discussões realizadas no grupo de professores da escola questionando a respeito do currículo presente na sala de aula, da preocupação de que a formação que estava sendo oferecida garantisse a aprendizagem dos alunos e da necessidade de se ter um olhar para que de fato não fosse priorizando apenas o aspecto político-social em detrimento dos demais.

Deste modo, o projeto contribui para a compreensão de que não há como pensar esse currículo sem que ele esteja voltado para as culturas que emergem da comunidade, das suas formas de vivências, das suas formas de se relacionar com o outro, das formas que encontram para tornar os dias menos difíceis.

A pesquisa tem como objetivo descobrir as culturas vivenciadas pelos alunos e por suas famílias, culturas historicamente silenciadas, pretende ainda aprofundar o trabalho que já vem sendo realizado, buscando estreitar o diálogo entre escola e comunidade, possibilitando promover espaços de circulação de diferentes culturas, procurando fazer da escola pública uma escola de educação popular e não meramente uma escola para as classes populares.

Na concepção vigente, cultura popular está muito atrelada à idéia de indivíduos desprovidos de saber. A respeito das divergentes concepções é possível afirmar que ainda se considera cultura popular de forma muito vinculada ao conceito de tradicionalismo quando, na verdade, o que se supõe é que a cultura seja entendida de

* Este trabalho é resultado preliminar do projeto de pesquisa da FAPERJ – Educação Popular, Currículo e Culturas: Uma proposta de pesquisa e formação de professores da Escola Municipal Barro Branco em Duque de Caxias (RJ) – Coordenador: João Baptista Bastos.

forma viva e dinâmica e por isso possível de sofrer contínuas transformações por aqueles que a compõem.

Romper com a visão limitada de tradição que embasa a idéia de cultura nos permite pensar que cultura popular não é algo que foi construído apenas pelos nossos antepassados. Cada contribuição é construída em seu tempo presente a partir das heranças construídas num tempo passado.

Por esses motivos é que pensamos a Educação Popular partindo das culturas que são elaboradas dia-a-dia por nossos alunos e por seus familiares sendo manifestadas nas mais variadas formas de subsistência.

A colonização do Brasil representa o início de um processo de acultramento que permanece até os dias de hoje, onde outros povos acabam por massificar as culturas locais impondo suas práticas de vivências, suas formas de pensar e de se relacionar com o outro. Percebe-se hoje a imposição não apenas da cultura européia, mas do imperialismo norte-americano sobre os diferentes grupos.

Assim identificamos a necessidade de estarmos investigando não a comunidade, mas com a comunidade essas culturas silenciadas que tanto têm sido ocultadas e camufladas de diversas formas ao longo da história.

O projeto também se propõe a apresentar as diferentes vozes e as concepções de culturas presentes nas práticas cotidianas e nas falas dos profissionais da educação, pais, alunos e demais membros da comunidade local, objetivando ampliar relações entre escola e comunidade, bairro e cidade, tendo como referência histórias e saberes locais.

No exercício do olhar sobre a forma de vida da comunidade local, é perceptível a forte presença de culturas impostas pelos mais variados veículos midiáticos que fazem com que a cultura das pessoas que povoam esta região ao redor da Escola Municipal Barro Branco venha a ser cada vez mais anulada e possivelmente perca as suas raízes históricas.

A construção do currículo com vistas à melhoria do ensino público requer, num primeiro momento, que recuperemos a quais grupos servimos, e que currículo pretendemos explorar para atender a estes alunos especificamente, como escreveu Paulo Freire: *“...a favor de quê e de quem, contra o quê e contra quem se realiza.”*(p.28)

Tendo também como objetivo a busca pelo fortalecimento do coletivo de professores e funcionários da escola, a pesquisa visa ainda a construção de um projeto pedagógico popular que inclua as culturas presentes no cotidiano dos alunos no currículo da escola.

Cientes da responsabilidade do trabalho com as classes e entendendo que a este trabalho não cabe estar pautado nos ideais de opressão, de manipulação e subalternização, os professores vêm se fortalecendo enquanto grupo pelo viés das reflexões coletivas, bem como por meio do diálogo e da troca de conhecimentos em torno da realidade dos alunos.

Os conhecimentos tecidos no cotidiano da escola através da aproximação com a comunidade vêm permitindo ao grupo avançar em sua formação e construir um currículo que de fato contemple a educação popular.

Essa forma de pesquisar as culturas que emergem na comunidade por meio do contato, do diálogo, da interlocução com os fazeres/saberes das pessoas que nela se encontram vem caracterizando o método que utilizamos como sendo o da pesquisa ação e pesquisa participante.

Por se tratar de uma escola que trabalha com as classes populares, professores e funcionários exercem como prática investigativa o conhecimento das dificuldades, bem como as formas de culturas exercidas por eles. Uma possibilidade de se aproximar das vivências dos alunos e de seus familiares já vinha sendo desenvolvida na escola por meio dos seus sujeitos sociais através de constantes visitas à comunidade. Outra proposta adotada pela escola vem sendo exercida através de reuniões e grupos de estudos onde participam professores, funcionários, famílias e alunos.

Tal pesquisa vem sendo desenvolvida a partir de discussões ocorridas no espaço da escola, tendo como referência os “círculos de cultura” e “temas geradores” (Freire, 1998). O que se pretende com estes diálogos é conhecer as narrativas de vida de quem ali constrói a história e tecê-las junto às práticas escolares e envolver não apenas a comunidade escolar como demais membros da localidade, busca promover o encontro de alunos de diferentes anos de escolaridade e professores buscando aproximar o corpo docente das histórias de vida destas pessoas.

Estes encontros são promovidos no espaço escolar oportunizando a troca e o convívio entre os sujeitos que compõem a escola pública. A proposta de diálogo com os moradores da localidade vem se constituindo como um processo de ruptura às obsoletas concepções de que a escola se configura num espaço de transmissão de saberes eruditos destinados àqueles tidos como desprovidos de saber. Os encontros são desenvolvidos sempre em círculo no espaço físico da quadra ou em salas de aula. Contam com a

participação de pais, alunos e educadores onde buscamos investigar, dentre outras coisas, a trajetória de vida daquelas pessoas.

A cidade em que a escola está inserida é constituída, em sua maioria, por pessoas oriundas do nordeste do Brasil. O bairro onde moram os alunos também não foge a essa realidade. Por ser afastado do centro do município, pode ser considerado como um bairro periférico, “justificando” assim a miséria e o descaso que atinge aos moradores locais. Crianças, jovens e adultos lidam cotidianamente com a ausência de políticas públicas que marca aquela região.

Essas marcas que simbolizam as desigualdades da sociedade de forma global não são ocultadas nas falas das pessoas presentes nesses encontros. São discursos carregados de inconformidade e de revolta que permitem ao grupo questionar sobre as razões pelas quais em dias de chuva, por exemplo, seus filhos não conseguem ir à escola. Essas reflexões sobre a forma sofrida de sobrevivência, não se limitam apenas a lama e às enchentes que negam o direito ao cidadão de ir e vir, mas são estendidas à projeções de um futuro melhor onde, nesse contexto, para os pais, a escola exerce um papel fundamental.

Paralelo a essas leituras da realidade do bairro, os pais dos alunos vão contando suas experiências de vida e os conhecimentos que foram construindo ao longo dos tempos, muito influenciados pelas práticas dos pais, avós e bisavós. São formas de culturas que ainda resistem a um mundo globalizado pautado nos valores do consumismo.

Apesar da prática do plantio e cultivo de ervas ser uma constante em meio a comunidade, algumas pessoas declaram que essa cultura ainda se mantém viva em detrimento da ausência de drogarias na região. Relatos como este revelam a pouca valorização das culturas populares, das tradições que são herdadas, da subestimação do que é popular em detrimento do que é industrializado e circulado por meio dos veículos midiáticos.

O diálogo construído a partir desses encontros revela a crença de que há diferentes culturas em torno da escola. Em meio às rodas de conversa as próprias pessoas vão apontando no grupo companheiros que dominam diferentes artes. São pessoas, em sua maioria mulheres, que foram ensinadas por suas mães, tias e avós a arte do bordar, do crochê, da culinária típica e outros domínios. Com o cuidado de não limitarmos cultura ao exercício do artesanato, entendemos que cultura se constitui nas múltiplas formas de vivência de um povo e nas suas diferentes formas de se relacionar com o outro.

Entendemos ainda que é a partir dessa troca, dessa interação com o outro que nos constituímos em parte no que somos hoje.

O relato dessas histórias vem permitindo identificar nas pessoas marcas de um povo que traz consigo a sabedoria presente na cultura oral. As expressões populares ainda tão presentes no falar do povo revelam todo um conhecimento acerca da vida. A cultura da oralidade, a arte de contar feitos, de contar e recontar as histórias ouvidas desde os tempos de infância permite o resgate de memórias que têm sido esquecidas e, não por acaso, perdidas.

Essas culturas existentes devem ser reconhecidas de tal forma que violência, miséria e abandono do poder público mesmo fazendo parte da vida cotidiana da população podem ser desconstruídas desde que escola pública e comunidade se unifiquem na luta contra a colonialidade e a subalternidade.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda & Garcia, Regina Leite (Org.). O sentido da Escola. Rio de Janeiro: DP&A/SEPE, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A educação popular na escola cidadã. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DUQUE DE CAXIAS (RJ) Projeto Político-Pedagógico da Escola Municipal Barro Branco (Revisto e ampliado em 2006)

ESTEBAN, Maria Teresa. Educação popular: desafio à democratização da escola pública. Cad. Cedes, Campinas Vol. 27 n. 71, 2007.

FLEURI, Reinaldo Matias (org.) Educação Intercultural, mediações necessárias. DP&A, 2003.

FREIRE, Paulo Freire. Educação como prática da liberdade. 12 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981.

_____. A educação na cidade. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. Pedagogia do oprimido, 43ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

GENTILI, Pablo. (org.). Pedagogia da Exclusão: Crítica ao Neoliberalismo e Educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 4ª ed., 1998.

MIGNOLO, Walter D. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In Santos, Boaventura de Sousa. Conhecimento Prudente para uma vida descente ‘Um discurso sobre as Ciências’ revisitado. S. Paulo: Cortez ed.2004, 667-771.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (Org.). Currículo: Políticas e Práticas. S. Paulo: Papirus, 1999.

VALLA, Victor Vincent, Eduardo Navarro Stotz, Eveline Bertino Algebaile. Para compreender a pobreza no Brasil. Rio de Janeiro: Contraponto: Escola Nacional de Saúde, 2005.

